

## Fundamentalismo judaico: a tortuosa procura da legitimação científica

Marta Topel<sup>1</sup>

### 1. A ortodoxia e a modernidade: século XIX

Nos últimos quarenta anos, a ortodoxia judaica, definida como a religião ortoprática por excelência (BELL, 1997), tem aumentado significativamente o escopo e o número de preceitos contidos na *Halachá* ou Lei Judaica. Livros, apostilas, artigos, sites na internet e vídeos explicativos foram criados para ajudar os judeus observantes a seguir à risca a *Halachá*. Às centenas de preceitos (613) foram acrescentados nas últimas décadas inúmeras regras e detalhes para a sua consumação, detalhes que é preciso destacar, têm o valor dos próprios preceitos. Consequentemente, quem transgrede um detalhe na realização de um ritual está transgredindo a própria Lei Judaica.

Ao longo dos séculos, as 613 *mitzvot* (preceitos) foram revisadas e “atualizadas” em diversos códigos em função do aumento da complexidade da vida social, dos avanços tecnológicos e, em menor medida, das mudanças nos contextos sociais nos quais se estabeleciam os judeus. Esses acréscimos, conhecidos como *halachot*, têm o mesmo status dos preceitos (LEIBOWITZ, 1987).

O incremento das *mitzvot* que hoje alcançou um nível sem precedentes é resultado de um processo histórico iniciado na Europa, mais precisamente, na Hungria do século XIX, e posteriormente cristalizado em Israel. De modo paradoxal, da perspectiva de seus arquitetos, esta mudança teve como objetivo dar continuidade ao judaísmo pré-moderno no momento em que a Emancipação dos judeus na Europa provocou uma “aluviação de hereges” nas comunidades judaicas. Convencidos de que não existia qualquer maneira de manter dentro do judaísmo rabínico os milhares de judeus que optaram por outras formas de identidade judaica, as lideranças ortodoxas decidiram separar-se dos judeus e do judaísmo não ortodoxo, a exemplo do judaísmo

---

<sup>1</sup> Antropóloga, docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes, Departamento de Letras Orientais, Universidade de São Paulo, USP (E-mail: mftopel@usp.br).

liberal, do sionismo e do Bund, formando guetos voluntários, verdadeiras muralhas contra a assimilação de valores, símbolos, costumes e formas de organização social consideradas alheias à tradição judaica (FRIEDMAN & HEILMAN, 1991; FRIEDMAN, 1991). As universidades foram consideradas um inimigo perigoso ao *modus vivendi* ortodoxo, sendo condenadas, e seus conhecimentos julgados ameaçadores à visão de mundo do grupo. Entretanto e como assinala Hartman (1991, p. 19), o gueto judaico não é exclusivamente um espaço geográfico, mas, também, um espaço psicológico e intelectual, um espaço no qual não se permitem outros ritmos na avaliação do mundo. Pessoas ortodoxas que moram na cidade de Nova Iorque, do ponto de vista intelectual, ainda moram no gueto. Em suas palavras:

Elas fazem a sua vida no mundo, mas não valorizam o mundo. Não há fontes valorativas e de sentido alternativos às quais os moradores de gueto expõem a si mesmos. Há apenas uma estrutura mediadora de valores, apenas uma linguagem normativa que eles permitem em seu ambiente cultural. (Hartman, 1991:19).<sup>2</sup>

A condição moderna pressupõe um ato de autorreflexão distanciando-se de um passado ingênuo. Do ponto de vista cultural, ser consciente da contingência dos arranjos sociais e da natureza das suas fontes de legitimação, somado ao acelerado ritmo das mudanças, desembocaram em um modo de vida no qual tudo pareceria estar enquadrado entre aspas. Simultaneamente, a matriz da Modernidade pode definir-se como constituída por um mercado no qual os indivíduos se engajam em relações contratuais, uma de cujas características é sua contingência temporal e o acordo entre as partes. Este tipo de contrato se opõe frontalmente às relações estabelecidas com uma instância sobrenatural, como a aliança entre o Deus de Israel e seu povo (BENAVIDES, 1998, p. 190). *Naasé ve Nishmá* (faremos e só depois ouviremos) é um axioma na ortodoxia, que interpreta este trecho bíblico como o imperativo de seguir os preceitos Divinos estabelecidos na aliança sinaítica sem quaisquer questionamentos ou tentativa de compreendê-los. A obediência a Deus deve ser absoluta e é fonte de bençãos, enquanto que a desobediência é a origem de castigos e desgraças (LEIBOWITZ, 1987, (GOLDING, 1988).

---

<sup>2</sup> - Tradução do inglês da autora.

Mas se o gueto intelectual ortodoxo se apresenta onipresente, isto é, permeando todas as esferas da vida privada e pública de seus membros, essa característica não está isenta de certas tensões e até paradoxos. Assim, existem áreas nas quais certa dissonância cognitiva aparece porque nem o mais fechado dos guetos consegue um isolamento total do mundo que o rodeia; não há comunidades hermeticamente fechadas apesar do anseio das lideranças fundamentalistas de convencer-se e convencer seus membros de que o modo de vida dentro do gueto permanece imaculado como em tempos imemoriais (TOPEL, 2011).

## **2. A ortodoxia, as ciências e a tecnologia: séculos XX e XXI**

O currículo das escolas ortodoxas, especialmente em Israel, mas também nas diferentes diásporas, dá pouca ou nenhuma importância às disciplinas seculares. Biologia, gramática, línguas, geografia, história e geometria são estudadas muito precariamente. As razões para isso são várias. Entre elas se destaca transformar os membros do grupo em pessoas ineptas para o mercado de trabalho, evitar influências de modos de conhecimento estranhos à tradição judaica em sua versão ortodoxa e impedir que os alunos estejam preparados para entrar em universidades (HEILMAN, 2000; TOPEL, 2011). Mas tanto as crianças, como os jovens e os adultos ortodoxos, homens e mulheres, rabinos e pessoas comuns, estão expostos – embora que em diferentes graus – à influência das ciências e, nas últimas décadas, dos rápidos avanços tecnológicos. Nesse sentido, é interessante a observação dos autores do artigo “Sabbath Day Home Automation: Its Like Mixing Technology and Religion”, de que as primeiras casas tecnologicamente inteligentes foram criadas pelos judeus ortodoxos, assinalando que para muitos céticos, a automatização das casas é interpretada como um artifício, um subterfúgio e, inclusive, uma trapaça. Retomarei esta questão mais adiante.

De fato, a automatização de casas para não profanar o sábado<sup>3</sup> é relativamente comum entre famílias ortodoxas. O *timer* é o item mais

---

<sup>3</sup> Ao longo do *shabat* ou descanso sabático, os judeus observantes devem respeitar preceitos e interdições relacionados a essa data sagrada.

utilizado e serve para ligar e desligar luzes, cozinhas e fornos elétricos sem interferência do homem em horários pré-estabelecidos<sup>4</sup>.

Em um mundo globalizado, comunidades transnacionais como as comunidades ortodoxas judaicas se confrontam cada vez mais com a necessidade de valer-se dos avanços científicos e tecnológicos apesar das dúvidas que tal situação acarreta. É permitido a um judeu fazer transplante de órgãos? Os transgênicos são *kasher*? Pode-se consultar um psicólogo? Em que circunstâncias um judeu observante pode utilizar a internet? E em quais um celular? O judeu que celebrou o *shabat* em determinado país e viaja a outro no qual o *shabat* está só começando, deve cumprir com as exigências e proibições do *shabat* novamente? Os dilemas são intermináveis, mas as respostas a tantas e tantas perguntas têm uma fonte só: a autoridade rabínica. Assim, os judeus observantes são constantemente estimulados a consultar um rabino diante de qualquer dúvida, também quando as dúvidas estão relacionadas com as tensões causadas pela Modernidade e a Pós-modernidade como resultado da influência de suas diferentes instâncias no cotidiano ortodoxo.

Em uma pesquisa que estou desenvolvendo, cuja hipótese principal é a existência de um componente obsessivo na Lei Judaica, principalmente nos milhares de acréscimos feitos a ela nas últimas décadas, me deparei com dados interessantíssimos sobre o uso da ciência e da tecnologia pelas comunidades ortodoxas israelenses no seu anseio de respeitar, da forma mais rígida possível, o que é meu objeto de pesquisa: as leis alimentares judaicas. Este é um caso emblemático no qual a ciência e a tecnologia mais sofisticadas são utilizadas não só para legitimar preceitos e costumes religiosos, mas, principalmente, como aliadas na consumação de algumas leis ou rituais.

Um exemplo do uso da ciência para legitimar preceitos e costumes seguidos pelos judeus observantes é valer-se da psicologia para mostrar ou “demonstrar” os benefícios das leis de pureza familiar exigidas dos casais de judeus observantes (TOPEL, 2005). Segundo essas leis, marido e esposa só podem manter relacionamento sexual nos períodos em que a mulher está

---

<sup>4</sup> Cf. DUNDES, 2002.

pura, isto é, depois de doze dias de finalizado o ciclo menstrual e do ritual da imersão da mulher no *mikve*<sup>5</sup>. Manuais sobre as leis de pureza familiar citam especialistas em psicologia –psiquiatras, psicólogos e sexólogos- para validar esta prática ao afirmar que a separação física entre os cônjuges por duas semanas ao longo de cada mês, estimula o desejo sexual e, conseqüentemente, melhora a harmonia do casal em outras dimensões da vida marital.

No que diz respeito à incorporação da tecnologia como parceira de importância fundamental para melhor seguir os preceitos em todos os seus detalhes, o processo tem se consolidado nas últimas décadas e corre no mesmo ritmo veloz e com a mesma criatividade que as invenções tecnológicas do nosso século.

O Instituto para a Torá e a Terra de Israel, localizado em Jerusalém, tem como objetivo principal pesquisar, encontrar soluções e divulgar os preceitos mais importantes relacionados a interdições de alimentos para os judeus observantes que moram na Terra de Israel, como, por exemplo, quais são as possibilidades abertas para os judeus pios no ano sabático da terra, ano em que está proibido consumir qualquer fruto que cresceu nessa região. No site do mencionado instituto<sup>6</sup> se salienta a cooperação entre rabinos, cientistas e agrônomos que seguem as diretrizes haláchicas<sup>7</sup> impostas pelo Rabinato<sup>8</sup>.

O Instituto Zomet, também localizado em Israel, se define como uma organização sem fins de lucro, um instituto público de pesquisa dedicado a combinar o judaísmo haláchico com a vida moderna. No site se explica que os vinte e cinco rabinos da organização, além de seus engenheiros e pesquisadores, têm desenvolvido soluções haláchicas práticas e pragmáticas para instituições, empresas e cidadãos privados observantes da religião judaica. Também se destaca que os engenheiros do Zomet

---

<sup>5</sup> Casa de banhos rituais para a purificação de mulheres e homens em diferentes datas do calendário judaico e, principalmente, para a purificação das mulheres terminado o ciclo menstrual.

<sup>6</sup> Cf. <http://www.toraland.org.il/about-the-institute-for-torah-and-the-land-of-israel>. Acesso em: 13 nov. 2015.

<sup>7</sup> Do hebraico, de *Halachá*: Lei Judaica.

<sup>8</sup> Em Israel não existe uma separação entre Estado e Igreja como nos países de tradição liberal. O Rabinato é uma instância com jurisdições diversas, entre elas, o direito familiar e a supervisão das leis alimentares judaicas em diferentes âmbitos públicos e privados.

desenvolveram e implementaram tecnologias que permitem que produtos tais como detectores de metais, chips de segurança, elevadores, cadeiras de rodas eléctricas, máquinas de café, entre outros, possam ser usados no *shabat*<sup>9</sup>.

Diversos e variados aplicativos foram desenvolvidos em Israel e nas diásporas, principalmente na norte-americana, que tem a maior comunidade judaica, para facilitar a vida dos judeus observantes. Entre eles, é possível mencionar os seguintes:

- 1) O GPS para *shabat*: aplicativo que mostra o tempo de acendimento das velas de *shabat* medido por um "s sofisticado algoritmo que calcula o pôr do sol pela localização GPS de acordo com a hora atual e a posição da terra de acordo com o sol".
- 2) O *Kosher* ou não: aplicativo ideal para os judeus observantes que viajam a países nos quais não se fala inglês, o que dificulta ter certeza de como explicar ao garçom o que significa um alimento *kosher*, a exemplo de um peixe. Com *Kosher* ou não, a pessoa não precisa consultar o garçom, basta acessar seu aplicativo, autorizado por diferentes lideranças rabínicas, (disponível em hebraico, Inglês, Alemão, Francês e Espanhol) que o aplicativo assegura a seu dono não estar profanando as leis alimentares judaicas.
- 3) *Ipure* ou *Niddah Stain Checker*: aplicativo que permite que as mulheres saibam avaliar com precisão, sem a necessidade de consultar rabinos ou assessoras nas leis de pureza familiar, se diferentes tipos de manchas em suas calcinhas têm sangue ou não. A checagem lhes permite ter certeza absoluta em relação à possibilidade de manter relacionamento sexual com o marido.

Estes três exemplos constituem uma pequena amostra para que o leitor consiga ter um panorama de quais são as preocupações dos judeus observantes, e como a tecnologia é utilizada para resolver situações que, sem seu auxílio, seriam evitadas ou comprometeriam a rigidez na consumação dos preceitos e costumes que constroem o universo ortodoxo .

Quando cheguei a Israel em maio de 2015 para desenvolver o trabalho de campo para a pesquisa anteriormente mencionada, segundo o calendário judaico estávamos no ano sabático da terra. Um leigo no assunto pensaria que a proibição de comer qualquer fruto produzido em Terras de Israel não

---

<sup>9</sup> Acredito interessante, para mostrar a abrangência, quantidade e sofisticação do material produzido pelo Instituto Zomet, citar a seguinte observação aparecida na página central do seu site: "Zomet has published over 35 volumes of Tshumin (also available in CD form) which contain almost 14,500 pages of Halachic research and responsa written by leading Rabbis, scholars, scientists, doctors, lawyers, engineers and economists", em <http://www.zomet.org.il/eng/?CategoryID=163&ArticleID=483>. Acesso em: 13 nov. 2015.

produziria maiores problemas do que importar frutas, hortaliças, sementes e verduras para os segmentos ortodoxos do país que arcariam, de algum modo ou de outro, com o ônus correspondente. Entretanto, um universo desconhecido e por demais complexo se abriu assim que comecei a embrenhar-me no assunto. Entrevistas com supervisores de *kashrut*<sup>10</sup> e com mulheres ortodoxas e participação em cursos ministrados para jovens ortodoxas revelaram que o terreno –valha a expressão- é intrincado demais e suas ramificações pareceriam intermináveis.

Assim, por exemplo, quando entrevistei um supervisor de *kashrut* do Badatz (organismo pertencente às correntes ortodoxas mais radicais), recebi um livro com 220 páginas cujo título é *Dvar Shmitá* (Assuntos sobre o Ano Sabático). O entrevistado foi generoso e no final de nossa conversa, que teve lugar em uma das dependências do Badatz, me levou até uma sala na qual cinco jovens ultra-ortodoxos monitoravam, desde computadores sofisticados, cinco imensas telas colocadas nas paredes do recinto. O rabino me explicou qual era o trabalho desses jovens: monitorar agricultores árabes em suas terras já que é desses agricultores que a organização compra a produção agrícola consumida pelos seus membros. Do lado de cada tela havia um GPS de última geração que localiza exatamente o ponto no qual está colocado o produtor para assegurar-se de ele não estar colhendo algum produto de um lugar considerado parte do Israel bíblico. Com orgulho, o rabino me informou que o trabalho é feito durante as 24 horas do dia ao longo de todo o ano sabático. Finalmente, com certa vaidade e destacando o fato de algum GPS falhar, o rabino me explicou que duas câmaras incorporadas a paraquedas especialmente criados com esse objetivo, ajudam na localização exata do lugar em que estão fazendo seu trabalho os produtores.

As informações recebidas não me surpreenderam menos do que ver três mundos e três épocas imbrincados um no outro de modo singular: homens ultra-ortodoxos israelenses trajados como si vivessem em alguma aldeia da Europa Oriental do século XIX lidando com um equipo de alta tecnologia do século XXI com o objetivo de assegurar a consumação de um preceito dos tempos bíblicos. Obviamente, depois da surpresa inicial, me

---

<sup>10</sup> Do hebraico: substantivação de *kosher* ou *kasher*: alimento idôneo para ser consumido pelos judeus observantes.

perguntei como os judeus observantes respeitavam o ano sabático antes da entrada em cena da tecnologia de ponta em suas vidas. Por outro lado, os celulares que pude ver nas mesas em que trabalham os supervisores do Badatz e de outras correntes ortodoxas, bem como aqueles que via nos ônibus sendo utilizados por homens e mulheres ortodoxas, são aparelhos relativamente antigos, sem acesso à internet. Tão importante quanto isso é o fato de os ortodoxos terem proibido o acesso à literatura não religiosa, não possuírem televisores em suas casas e, muito raramente conseguirem a permissão de seus rabinos para ter um computador que, na maioria dos casos, não está conectado à rede ou tem filtros sofisticados para afastar seus usuários das ameaças do mundo moderno.

Antes de deixar as dependências do laboratório que tinha visitado, o mesmo rabino me explicou por que os comestíveis que têm certificação *kasher* do Badatz, produtos consumidos pelas correntes ortodoxas mais radicais do país e de diáspora, são mais caros. São mais caros porque o trabalho empregado na supervisão de toda a cadeia da produção de alimentos é muito mais exigente que aquela do Rabinato. Quando perguntei ao rabino se isso não ia contra os interesses dos judeus ultra-ortodoxos, cuja grande maioria pertence aos estratos mais pobres da sociedade israelense, ouvi uma resposta sincera que, mais uma vez, me surpreendeu: cada pessoa tem um ordem de prioridades e a *kashrut* é fundamental para manter o modus vivendi ortodoxo. Quem quer um bom produto, quem quer um produto de grife, tem que estar preparado para fazer um sacrifício.

Os dados trazidos são reveladores dos vários modos em que os fundamentalismos, neste caso, uma ala do fundamentalismo judaico, criam estratégias para escolher elementos da ciência e da tecnologia que servem seus interesses apesar de, constantemente, se posicionarem contra a Modernidade em todas as suas expressões e conquistas, reivindicando um estilo de vida superior ancorado na tradição (RUTHVEN, 2007).

### **3. Reflexões finais: Intratextualidade, a autoridade do texto e o mundo exterior**

Os preceitos e costumes que regem a vida dos ortodoxos têm origem no Pentateuco e no Talmud<sup>11</sup>, ambos considerados textos revelados. Porém, ao longo da história novas codificações e exegeses foram escritas como resultado do aumento da complexidade da vida social. Um dos objetivos dessa nova literatura foi criar o que entre os ortodoxos se conhece como “o cerco da Torá”: adendos a leis já existentes e legislação de novos costumes para evitar a transgressão dos preceitos exigidos ao povo de Israel pelo Deus de Israel. Transgredir um preceito é tão ameaçador que o “cerco da Torá”, composto por milhares de regras, tem se incrementado nas últimas décadas de modo exponencial diante das novas descobertas científicas e dos rápidos avanços tecnológicos (LEIBOWITZ, 1987).

Podemos definir o fundamentalismo como um modo de vida regido por um texto considerado a autoridade última no que diz respeito a outros textos ou modos de conhecimento. A característica distintiva do fundamentalismo é a interpretação literal do texto e a intratextualidade. Outros escritos são julgados em relação à sua compatibilidade com o texto sagrado que, também, estipula comportamentos normativos e os critérios através dos quais certas leis podem ser mudadas como resultado de processos externos. Não se trata de um simples livro, mas de um livro com um status privilegiado que deve ser consultado e reverenciado (HILL et al., 2005, p. 3). A intratextualidade é o processo através do qual a revelação Divina se ilumina transformando-se em verdade absoluta. Ruthven (2007, p. 43) aponta a que a problemática da interpretação literal dos textos sagrados que praticam os fundamentalistas radica na premissa de que as palavras podem compreender-se separadamente das pressuposições do leitor ou do ouvinte em relação a seu contexto, significado e intenção. Desautorizar as críticas e/ou descobertas históricas, arqueológicas e literárias sobre o texto revelado fazem prevalecer o princípio de que a palavra Divina é atemporal e eterna.

Do ponto de vista psicológico, saberes periféricos e fatores externos ao sistema de sentido dado pelo livro sagrado não podem penetrar os limites dele, o que leva ao fortalecimento da autoridade das crenças absolutas pregadas pelos diferentes fundamentalismos (HILL et al., 2005). Finalmente,

---

<sup>11</sup> Também conhecido como Lei Oral, compêndio de tratados considerado a interpretação judaica da bíblia.

o sistema é considerado abrangente no sentido de reger não só valores morais, liturgias, modos apropriados de realizar rituais eminentemente religiosos, mas, também, de organizar o cotidiano dos indivíduos e suas comunidades.

Entretanto, esta visão de mundo incorporada por diferentes grupos considerados fundamentalistas convive, apesar de seus próprios defensores, com modos de vida diferentes, processo que desemboca na necessidade de fazer concessões -embora pensadas como concessões momentâneas- além de criar focos de tensão entre os princípios dos fundamentalismos e os da Modernidade, considerada pelos primeiros a grande ameaça (LIEBMAN, 1987; SACKS, 1991). Por outro lado, existem certos benefícios que a Modernidade oferece aos fundamentalismos, principalmente no que diz respeito aos avanços tecnológicos que conseguem servir melhor seus interesses. O proselitismo através dos meios de comunicação, principalmente, através da internet, é um dos mais importantes.

No caso da ortodoxia judaica, se bem que na grande maioria dos lares de judeus observantes não há computadores ou internet, a última é explorada pelas diferentes congregações ortodoxas para divulgar a sua missão, fazer proselitismo, recrutar membros, explicar dúvidas, ministrar cursos *online*, entre outros. Sites específicos que atualizam os ortodoxos em relação a que alimentos é possível consumir e que alimentos, não, existem aos milhares e são atualizados praticamente de semana em semana nas mais diversas línguas.

A densidade ritual que caracteriza o judaísmo ortodoxo, considerado por diferentes pesquisadores a religião ortoprática por excelência (BELL, 1997) exige de seus membros condutas na dimensão do cotidiano que implicam um investimento importante de energias, tempo, predisposição psicológica e, em certa medida, um poder aquisitivo que a maioria dos judeus observantes, principalmente em Israel, não têm. Nas últimas décadas, o incremento do “cerco da Torá” e as inúmeras leis e costumes acrescentadas à *Halachá* ou Lei Judaica, têm colocado mais dificuldades no cotidiano dos judeus observantes. Entretanto, desde a Alta Idade Média (quando o Talmud é canonizado), a própria *Halachá* criou subterfúgios para a consumação de

alguns preceitos. O exemplo paradigmático dessa prática é o que em hebraico se conhece como *derech akumá*, literalmente: caminho torto, prática que permite que em certas circunstâncias uma ação seja realizado de modo diferente a como é praticada habitualmente. Assim, um canhoto pode, em circunstâncias especiais, escrever em *shabat* se o faz com a mão direita sem, por isto, transgredir a proibição de escrever no *shabat*. Seguindo o mesmo princípio, diante de uma emergência, um judeu observante pode andar de carro em *shabat* se o carro é dirigido por um não judeu. Aliás, a figura do *shabes goi* (o gentio que faz as atividades proibidas a um judeu durante o descanso sabático) talvez seja o antecedente mais fiel do papel que hoje realizam aplicativos e diferentes aparelhos tecnológicos para aliviar o “fardo de carregar os preceitos” (DUNDES, 2002).

Mas não podemos pensar que quando tecnologias de GPS não existiam, os judeus observantes da Palestina e posteriormente do Estado de Israel eram profanadores das leis decorrentes do ano sabático da terra<sup>12</sup>; uma tradição secular de saberes acumulada existia para esse fim. Sem ter à sua disposição o aplicativo *Ipure* ou *Niddah Stain Checker*, durante séculos as mulheres judias, ortodoxas e tradicionalistas, sabiam respeitar as regras de pureza familiar, regras transmitidas de mães para filhas. Por que, então, nas últimas décadas se tornou necessário ou aconselhável incorporar avanços tecnológicos em dimensões da vida nas quais eles são prescindíveis? O conforto que tais aparelhos prestam a um indivíduo cuja vida é regradada hora a hora por inúmeros rituais, seria uma resposta satisfatória?

Parece-me que a questão é mais complexa e diz respeito a três grandes dimensões. A primeira delas está relacionada diretamente com o fato de o fundamentalismo religioso, apesar de apresentar-se como a versão imaculada e autêntica de determinada tradição existente desde tempos imemoriais, é fruto da Modernidade. As análises de Eisenstadt (2000) foram fundamentais para demonstrar esse processo. Como filhos da Modernidade e

---

<sup>12</sup> Acredito interessante assinalar que antes do ano sabático da terra referente ao período (1910-1911), o Rabino Abraham Itzjak Kook, Primeiro Grande Rabino de Israel, instituiu uma autorização de venda, um subterfúgio legal que permitia que os judeus pudessem vender simbolicamente suas terras a não-judeus durante o ano sabático. Uma vez que só aos judeus foi exigido deixar descansar a Terra de Israel, comprar produtos agrícolas de proprietários não-judeus é permitido.

inseridos em contextos mais ou menos modernos, os fundamentalistas não tem outra opção senão dialogar com a Modernidade e suas instâncias seculares. Dentre elas, a tecnologia, pareceria ser a mais inócua e até a mais benéfica para os próprios objetivos dos movimentos fundamentalistas –tanto os religiosos como os nacionalistas-religiosos. Nessa linha, observa-se um duplo relacionamento com as ciências e a tecnologia. Por um lado, elas são ameaçadoras, desprezadas e proibidas. Por outro, existem aquelas que não só são utilizadas como fonte de legitimação de regras e costumes religiosos, mas, como fora ilustrado com os exemplos trazidos da ortodoxia judaica, como aliadas para respeitar essas regras e costumes de modo mais rígido ou de maneira menos penosa dependendo da situação.

Voltando ao caso da ortodoxia judaica em Israel, a segunda dimensão diz respeito à ingerência cada vez maior da religião na esfera pública. E se bem que esse fenômeno tenha outras causas, a incorporação da tecnologia não pode ser esquecida da análise. Definida como um sistema religioso de leis, a *Halachá* tem dois objetivos: a criação de uma ordem social e a consecução de um objetivo teológico. Desse modo, enquanto que um sistema legal secular se ocupa com duas esferas normativas, a relação entre os indivíduos e entre estes e a comunidade, o sistema haláchico inclui uma terceira dimensão normativa: a relação entre o indivíduo e a Divindade (STERN, 2004, p. 13). Partindo do pressuposto de que em Israel não existe uma separação entre igreja e Estado como nos países com uma tradição liberal<sup>13</sup>, a *kashrut* é a norma e não a exceção nos comércios, restaurantes, instituições públicas, etc. O Estado, então, se responsabiliza direta e indiretamente pelo funcionamento das agências supervisoras das leis alimentares judaicas financiando, também, os laboratórios de grupos ortodoxos fundamentalistas que constituem uma pequena minoria no país. O ônus causado aos segmentos populares é grande e, nas últimas décadas, tem provocado críticas o que no país se conhece como coerção religiosa. Nas últimas duas décadas, ONGs e manifestações nas ruas de Israel tiveram

---

<sup>13</sup> Cf. COHEN, Ch. “Medinat Israel Ve’Ha’Status Quo” in Yossi David (ed): *Medinat Israel: Bein Yahadut Le’Demokratia*. The Israeli Democratic Institute, 2000 e Stern, Y.Z. *Religion and State: The Role of Halakhah*. Jerusalem: The Israel Democracy Institute, 2004.

como objetivo cortar as prebendas dadas aos setores ortodoxos. Nessa luta, os gastos ocasionados pela manutenção do sistema de supervisores ortodoxos das leis alimentares têm um lugar preponderante.

Finalmente, a incorporação de certos avanços científicos e tecnológicos permitem que as lideranças do grupo, ao mesmo tempo em que condenam a Modernidade e seus múltiplos desdobramentos, mostrem certa acomodação ao ambiente que os rodeia. Se do ponto de vista teológico, os fundamentalistas devem rejeitar a livre escolha ao partir do pressuposto da existência de uma verdade absoluta, cuja origem é uma Divindade, na contemporaneidade, as demandas dessa Divindade são diferentes das exigidas nos tempos pré-modernos, quando a maioria das pessoas estava exposta a um ambiente sociocultural conformado por uma única tradição (HARTMAN, 1991). Seguindo o raciocínio de Ruthven em sua análise do Islã, podemos concluir que em condições de Modernidade e Pós-Modernidade, a pergunta: “qual é o modo ideal para a consumação dos preceitos religiosos?” foi substituída por “como posso ser um seguidor fiel da minha religião em um ambiente cercado por tradições diferentes? Tradições das quais, apesar de viver em guetos, não posso me dissociar totalmente?”

A manipulação e incorporação de determinados itens da ciência e da tecnologia, além da criação de arranjos sociais novos, constituem um dos indicadores mais claros de o fundamentalismo ser um filho, talvez um filho bastardo, da Modernidade. Como faz questão de salientar Haaden:

O fundamentalismo é um fenômeno eminentemente moderno: moderno no sentido de que o movimento está sempre procurando soluções originais para novos problemas. Suas lideranças não estão construindo meramente ortodoxias mais rígidas em defesa das velhas míticas ortodoxias. No processo de empreender a restauração em centros demográficos e tecnológicos contemporâneos, novas ordens sociais estão sendo decretadas.<sup>14</sup>

## Referências

- BELL, Catherine. *Ritual: Perspectives and Dimensions*. New York: Oxford University Press, 1997.
- BENAVIDES, Gustavo. Modernity. In: MARC, Taylor (ed.). *Critical Terms for Religious Studies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

---

<sup>14</sup> Tradução do inglês da autora.

COHEN, Ch. *Medinat Israel Ve'Ha'Status Quo*. In: YOSSI, David (ed.): *Medinat Israel: Bein Yahadut Le'Demokratia*. The Israeli Democratic Institute, 2000.

DON-YEHIYA, Eliezer. *The Status Quo Solution in the Area of Religion and State*. In: *Medina Ve'Memshal*, 6, 1971.

DUNDES, Alan. *The Shabbat Elevator and other Sabbath Subterfuges: An Unorthodox Essay on Circumventing Custom and Jewish Character*. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2002.

EISENSTADT, Shmuel Noach. *Fundamentalism, Sectarianism and Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

FRIEDMAN, Menachem. *Ha'chevrá Ha'charedit: mekorot, megamot Ve'tahalichim*. Jerusalem: Machon Yerushalaim Le'Cheker Israel, 1991.

FRIEDMAN, Menachem & HEILMAN, Samuel. *Religious Fundamentalism and Religious Jews: The Case of the Haredim*. In: MARTY, Martin; APPLEBY, Scott (eds.). *Fundamentalisms Observed*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

GOLDING, Joshua. *Jewish Ritual and the Experience of "Rootedness"*. In: FRANK, D. H. (ed.): *A People Apart: Chosenness and Ritual in Jewish Philosophical Thought*. New York: State University of New York Press, 1988.

HARTMAN, David. *Judaism in a Secular Society*. In: SACKS, J. (ed.). *Orthodoxy Confronts Modernity*. London: Ktav Publishing House, 1991.

HEILMAN, Samuel. *Defenders of the Faith: Inside Ultra-Orthodox Jewry*. Berkeley: University of California Press, 2000.

HILL, Peter; HOOD, Ralph; SPILKA, Bernard. *The Psychology of Religious Fundamentalism*. The Guilford Press, 2005.

LEIBOWITZ, Yeshaiahu. *Commandments*. In: COHEN, Arthur & FLOHR, Paul. *Contemporary Jewish Religious Thought: Original Essays on Critical Concepts, Movements, and Beliefs*. New York: The Free Press, 1987.

LIEBMAN, Charles. *Orthodoxy Faces Modernity*. In: ORIM. *A Jewish Journal at Yale*, 1987.

RUTHVEN, Malise. *Fundamentalism: a Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SACKS, Jonathan. (ed): *Orthodoxy Confronts Modernity*. London: Ktav Publishing House, 1991.

SHARPE, A. & HADDEN, J. Is there Such a Thing as Global Fundamentalism?. apud RUTHVEN, Malise. *Fundamentalism: a Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

STERN, Yedidia. Z. *Religion and State: The Role of Halakhah*. Jerusalem: The Israel Democracy Institute, 2004.

TOPEL, Marta. *Jerusalém e São Paulo: a nova ortodoxia judaica em cena*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

TOPEL, Marta. *A Ortodoxia judaica e seus descontentes: dissidência religiosa no Israel contemporâneo*. São Paulo: Annablume Editora, 2011.